

ARTE DA CONVERSAÇÃO.

Arthur Virmond de Lacerda Neto. Novembro e dezembro de 2022.

- I - Citações. Transições.
- II - Quando não percebemos a locução.
- III - Cautelas.
- IV - O valor do silêncio. Defeitos: interferências, insuficiência, facúndia.
- V - Ditames.
- VI - Perguntas.
- VII - “Tudo bem ?”
- VIII - Tuteio (estilo afetivo).
- IX - Várias.

Conversa, palestra, colóquio, cavaco, prática são sinônimos; palestra é conversa e não é sinônimo de conferência: dizemos escorreitamente “conferência de fulano”, não: “palestra de fulano”.

I- Citações. Transições.

“O que faz que poucas pessoas sejam agradáveis na conversação, é que cada um pensa mais no que deseja dizer do que no que os outros dizem, e que quase somente se escuta quando se deseja falar.

Contudo, é necessário escutar os que falam. É mister de dar-lhes tempo de fazerem-se entender, e até suportar que digam coisas inúteis. Bem longe de contradizê-los e de interrompê-los, deve-se, ao contrário, entrar em seu espírito e em seu gosto, mostrar-lhes que os entendemos, louvar o que eles dizem à medida que merece ser louvado, e fazê-los ver que é mais por escolha que os louvamos do que por complacência.” (Rochefoucauld. *Dois moralistas. La Rochefoucauld e Vauvenargues*. Paris, 1878, p. 113-114).

“Observemos o lugar, a ocasião, o moral em que se encontram as pessoas que nos escutam: porque se há bastante arte em saber falar apropriadamente, não a há menos em saber calar-se. Há silêncio eloqüente que serve para aprovar e para condenar; há silêncio de discrição e de respeito. Há, finalmente, tons, ares e maneiras que implicam tudo que há de agradável ou desagradável, de delicado ou de chocante na conversação.” (Rochefoucauld. *Dois moralistas. La Rochefoucauld e Vauvenargues*. Paris, 1878, p. 115).

“[...] bem escutar e bem responder é uma das maiores perfeições que se pode ter na conversação.” (Rochefoucauld. *Dois moralistas. La Rochefoucauld e Vauvenargues*. Paris, 1878, p. 46): bem escuta quem fita o locutor nos olhos, silenciosamente, enquanto ele se exprime; bem responde quem se manifesta a propósito do que lhe disse o interlocutor, direta ou indiretamente, o que não implica manter-se, invariavelmente, o mesmo assunto: por associação de ideias o diálogo é suscetível de mutações, pelo que de um ponto passa-se, insensivelmente, para outro que lhe seja correlato ou contíguo. Operarmos transições súbitas mercê de fórmulas especiais, que assinalam o fim do tema até então em causa e o início inesperado de outro:

- *Falando de outro assunto* [...]
- *Para mudar de assunto*: [...]
- *Mudando de saco para mala* [...]
- *Mudando disto para outra* [...]
- *Outra coisa*: [...]

II - Quando não percebemos a locução.

Alguém não entende frase ou pergunta do interlocutor e reage:

1. Impolidamente com "Quê ?", "Hã ?", "Hein ?", "Oi ?".
2. Polidamente com:

- *Repita, por favor/por obséquio/por mercê/por graça/por fineza/se faz favor.*
- *Queira repetir.*
- *Desculpe...*
- *Desculpe-me, não entendi.*
- *Desculpe, esta parte não percebi/entendi.*
- *Qual é a pergunta ?*
- *Desculpe, como disse ?*

Com intervenção indireta :

- *Como assim ?*
- *Diga.* (É melhor do que as formas do ponto 1; sem ser impolida, é menos polida. É útil quando o interlocutor hesita entre dizer e não o fazer: serve como convite a que o faça; sua aplicação nesse caso exige perspicácia e prontidão de quem a enuncia).

III - Cautelas.

Consoante ao grau de intimidade de que usufruímos com o interlocutor, será prudente valermos-nos de fórmulas que atenuam impressão de invasão ou dicam-se a obter-lhe assentimento para o que lhe desejamos comunicar; para mais, são construções que manifestam polidez:

- *Se eu pudesse dizer-lhe o que penso, dir-lhe-ia que [...]*
- *Sem querer ser-lhe inconveniente [...]*
- *Posso lhe dizer o que penso/dar-lhe minha opinião ?*
- *Se me consentir, gostaria de dar-lhe minha opinião.*
- *Permita-me que lhe diga: [...]*
- *Sem querer tomar liberdade que me não deu, [...]*

IV - O valor do silêncio. Defeitos: interferências, insuficiência, facúndia.

É defeito grosseiro falar enquanto outrem no-lo faz: aguarda-se o fim do discurso alheio para então nos manifestarmos.

Nada responder ao interlocutor, recorrentemente, desestimula o diálogo, que tenderá a enlanguescer e a findar, salvo se o locutor estiver facundo, em fluxo verbal ininterrupto, em que mais fala ou somente fala, e menos dialoga.

Quem cala, nem sempre consente: há silêncios estratégicos, em que não convém expor divergência (para premunirem-se controvérsias desnecessárias; para o silente não expor seus pensamentos, intenções, sentimentos); alguns resultam do desinteresse ou da inconveniência que suscita a intervenção do locutor: ignoramo-lo, deixamo-lo falar sozinho. Em ocasiões de desabafo alheio ou em que o locutor sente necessidade de falar (que não dialogar nem escutar), escutemo-lo obsequiosamente, renunciemos a dialogar, até que ele finde sua matéria ou até que se nos esgote pachorra de ouvi-lo.

Em ocasiões, o silêncio sobrevém por carência de que responder: o interlocutor não sabe que falar, em geral alheio ao tema. Nada responder não constitui indelicadeza, contudo poderá evidenciar indiferença pela matéria, pela pessoa, pela companhia, e servirá como sinal de que qualquer um dos três (alternativa ou associadamente) não nos interessam, eventual pista, por sua vez, de que (entre amigos) a amizade vai findando: entre amigos há assunto e quando ele escasseia, algo modificou-se na afinidade, na sensibilidade, nas coincidências entre quem até então eram amigos.

Alguns locutores calam-se de súbito, já porque se lhes finda o ponto, já porque lhes acaba a necessidade de falar, já porque o rumo da conversação dos demais interlocutores maço-os.

É defeito de boas maneiras e da arte da conversação interferirmos em diálogos alheios: duas pessoas conversam entre si; terceira se imiscui sem haver sido interpelada para tal, em forma de comentário, interrogação, resposta a indagação. Todo terceiro profano ao diálogo deve manter-se calado até que um dos interlocutores dirija-lhe a palavra (se o fizer) e com isto incorpore-o ao colóquio; poderá, se tanto, imiscuir-se no diálogo mediante a fórmula “Com licença, desculpem-me interferir”.

Outro possível defeito é o da insuficiência: a pessoa manifesta-se aquém do que seria desejável e esperado por seu interlocutor: emite comentários ou respostas lacônicos (de que são típicos os monossílabos), desenvolve pouco os assuntos que comportariam mais desenvolvimento, sustenta menos os diálogos. Momentos há em que homem acha-se introvertido ou prefere escutar a pronunciar-se, o que o induzirá à insuficiência; já os de feitio reservado pouco animam

tertúlias, não são bons prosadores; usufruem da companhia alheia mais do que a propiciam a outrem. Sua presença será frustrante, por seu relativo silêncio, a menos que contemos com ele, isto é, não contemos com sua participação na tertúlia.

Defeito oposto é o da facúndia, em que o locutor matraqueia por tempo excessivo, com ou sem apartes de seus ouvintes. Momentos há em que homem acha-se expansivo, entusiasmado, ou tem muito que dizer, e di-lo; é defeito agravado a tagarelice recorrente, que priva os demais de se exprimirem e em que o locutor sobre eles predomina.

Na insuficiência espera-se mais do insuficiente; na loquacidade espera-se menos do loquaz: o locutor está aquém ou além de certa medida de bom senso e de distribuição da palavra. Nota-se a primeira quando, emitida a resposta ou o comentário, o interlocutor fita o locutor atenta e silenciosamente, à espera de acréscimo, que não sobrevém; percebe-se a segunda (dentre outros sinais possíveis) pelos olhares que se desviam do locutor, pela consulta das horas, por fazer-se menção de ir-se embora, pela despedida subitânea, conquanto nem sempre os ouvintes emitam pistas de que se acham enfiados de escutar.

Tanto a insuficiência quanto a loquacidade são defeituosas no contexto em que se verificam, isto é, não são falhas absolutas, em todas e quaisquer circunstâncias, independentemente do assunto e dos interlocutores, porém relativas: são-no ou não, e se o forem, são-no em graus, com matizes em cada contexto. Dentro de certa média geral, todavia, insuficiência e loquacidade representam extremos defeituosos.

V - Ditames.

Constituem ditames da arte da conversação:

a) escutar atentamente, olhos nos olhos; não atentar para o telemóvel enquanto nos falam (preceito também de boas maneiras).

b) Consentir em que o interlocutor se manifeste plenamente; jamais o interrompermos (preceito também de boas maneiras).

c) Evitar o monopólio da palavra, efeito para o qual devemos nos calar quando o ouvinte ou interlocutor fizer menção de manifestar-se. Ocasionalmente, perante pausa, ambos tomam a palavra em simultâneo ou quase concomitantemente, situação em que é polido o locutor dizer ao interlocutor “Desculpe”, antes de prosseguir.

d) Esquivar-se de verborragias demoradas (preceito também de auto-observação e domínio de si próprio). É humano acometer (qualquer pessoa) necessidade de falar, em que o locutor tem muito que dizer, e necessita de dizê-lo, logorricamente: hemos de pacientar (se paciência lhe tivermos) e escutá-lo, com renúncia ao diálogo.

e) Atentar aos indícios do interlocutor de que deseja findar o diálogo (preceito de perspicácia), como soerguer-se do assento, estender a mão para despedir-se, enunciar fórmulas de encerramento (“A conversa está boa, mas vou indo”, “Está na hora”, “Tenho de ir”).

f) Saber encerrar a conversa (preceito de tato) antes de que se prolongue além da medida, conforme à circunstância; encerrá-la súbita e abruptamente pode ser rude e evidenciar que por algum motivo a conversação feriu a susceptibilidade do interlocutor.

g) Saber proporcionar a extensão do diálogo ou da locução à circunstância: há situações em que convém ser breve (a exemplo de encontros fortuitos); outras comportam delongas (*verbi gratia*: visitas, encontros deputados a cavaquear).

h) Abster-se de falar por demais de si próprio, de fazer de si próprio o ponto principal, pelo menos em contextos em que sejam preferíveis outros, de interesse mais ou menos geral para os interlocutores (preceito de tato); falar de si é aceitável em contextos de intimidade.

i) Na presença de vários interlocutores ouvintes, evitem-se assuntos de interesse específico de somente um (isto é, de um interlocutor, mais o locutor), a menos que se estabeleça diálogo à parte, o que não será, entretanto, de todo recomendável, por insulá-los do grupo (seja breve tal diálogo). Temas de interesse especial de um ou dois tratam-se particularmente entre eles, fora dos demais circunstantes.

VI - Perguntas.

O da pergunta constitui o capítulo mais melindroso da arte da conversação: implica sutileza e tato.

Perguntas dadas a elucidar são bem-vindas; as de natureza pessoal, provavelmente não; interrogar vezes demasiadas é vezo, para cuja evitação melhor é lançarmos mão de circunlóquios, de insinuações, de indagações indiretas, que deixem o interlocutor perceber a oportunidade da elucidação:

— *Seria deste modo, talvez*: o interlocutor elucidará de que modo é.

— *Deste pormenor estou mal-informado*: o interlocutor prestará informação sobre ele.

— *Gostaria de entender melhor este ponto*: o interlocutor explicá-lo-á.

— *Sobre isto careço de mais explicações*: idem.

O interlocutor perspicaz percebe a oportunidade da elucidação quando se lhe suscita o ponto, embora possa sonegá-la por estratégia. O conversador hábil sabe preferir tais recursos e evita interrogar diretamente; também sabe suscitar o tema em lugar de indagar acerca dele; vá lá que entrar em assunto permite divagações, ao passo que a pergunta direta e objetiva pode propiciar informação específica e imediatamente, caso se lhe responda a contento. Perguntar vezes demasiadas é vício; indague-se o menos possível. Por outro lado, indagar evidencia interesse no tema de que discursa o locutor.

Evitem-se perguntas abruptas, enunciadas fora do contexto da palestra ou subitamente, concernentes à intimidade do indagado ou a sua vida pessoal, a que o indagado responde (amiúde) defensivamente: “Por quê?”, pista infalível de que ele percebeu-a como invasora, inconveniente ou suscitou-lhe estranheza. É preferível aguardar o momento azado no curso do colóquio para satisfazermos nossa curiosidade, conduzi-lo até próximo do ponto que nos interessa indagar, e então fazê-lo (se a interrogação não for invasora nem inconveniente) ou introduzirmos a matéria, em jeito de preâmbulo, para então interrogarmos diretamente ou (melhor) exprimirmos nosso desejo de saber.

Por exemplos:

(1) Desejamos saber onde fuão adquiriu certa gonilha; ao invés de abruptamente indagarmos-lhe:

— *Onde comprou essa gonilha ?*

dir-lhe-emos: *Estou à procura de gonilhas e pareceu-me interessante esta que usa; gostaria de saber onde a comprou.*

Ou: *Gostei da gonilha que usa; deixe-me saber onde a comprou.*

(2) Em lugar de interrogarmos:

— *Como fez para obter seu emprego ?*

expor-lhe-emos: *Estou à procura de posto de trabalho; fiquei curioso de saber como se obtém emprego igual ao seu; posso saber como fez para obtê-lo ?*

Ou: *Como estou desempregado, procuro emprego; talvez possa ajudar-me se eu puder saber como fez para obter o seu.*

A interrogações impertinentes responde-se:

(a) evasivamente:

— *Não vem ao caso.*

— *Deixe para lá.*

— *É melhor não falar disso.*

(b) Defensivamente:

— *Não lhe interessa.*

— *Não é da sua conta.*

— *Não é assunto seu.*

— *Meta-se com sua vida.*

— *Cuide de sua vida, que da minha trato eu.*

— [Não se responde].

São censuráveis indagações de pura curiosidade invasora da intimidade ou da vida pessoal alheias, cujo teor ou cuja resposta em nada diga respeito a seu autor. É elemento de civilidade, de autodomínio e de boa formação abster-se ele de semelhantes indagações.

A interrogações, há respostas veritativas e sinceras; também as há de tergiversação, convencionais, superficiais e até falsas: defensivas, é legítimo valer-se delas quando o interrogador estiver mal-intencionado ou moverem-no segundas intenções.

Indagar não é, *per se*, errado nem indesejável; pode sê-lo, consoante ao contexto; será oportuna a pergunta que visa a elucidar-lhe o autor em ponto que lhe parece obscuro ou duvidoso, se a curiosidade for legítima e natural, se interrogar for necessário para obter-se dado. Sejam exemplos singelíssimos:

(a). Esclarecimento de ponto obscuro:

— *Ele viajou.*

— *Ele quem ?*

(b). Esclarecimento de ponto duvidoso: apresentam-nos dois livros, com a informação de que custa tanto; indagamos:

— *Qual deles ?*

(c). Curiosidade legítima e natural: o interlocutor informa-nos que viajará; indagamos-lhe:

— *Em que dia estará de regresso ?*

(d). Interrogar é necessário para obter-se dado: indagação do aluno ao professor; em inquéritos policiais, investigações administrativas, interrogatórios judiciais, entrefalas na atividade jornalística.

Há indagações impertinentes, a exemplo das que por algum modo dizem com a vida (íntima, profissional, financeira, afetiva, sexual) do indagado e, em geral, imiscuem-se no que não é da conta de seu autor; elas veiculam curiosidade indiscreta, de quem deseja saber mais do que as circunstâncias normalmente permitir-lhe-iam saber.

Podemos anunciar desejo de indagar mercê de sentenças dicadas a abrandar impressão de ser a indagação invasora da intimidade do indagado, indiscreta ou inconveniente:

- *Deixe-me perguntar-lhe [...]*
- *Permita-me que lhe pergunte [...]*
- *Sem lhe querer invadir a intimidade [...]*
- *Sem lhe querer ser inconveniente [...]*
- *Se lhe puder indagar [...]*
- *Se não for abusivo de minha parte perguntar-lhe [...]*
- *Se não lhe for inconveniente a pergunta [...]*
- *Se me permitir a indagação [...]*
- *Seu eu puder saber [...]*

Também podemos primeiramente formular a indagação e pospor-lhe uma das três derradeiras fórmulas:

- *Está casado ou separou-se ?, se não for abusivo de minha parte perguntar-lhe.*
- *Como você e Henrique se conheceram ?, se me permitir a indagação.*
- *Há quanto tempo lá trabalha ? se eu puder sabê-lo.*

É usual indagarmos “*Posso lhe fazer uma pergunta ?*”, com várias possíveis reações:

- *Depende de sobre o que.*
- *Sobre isso, pode.*
- *Sobre isso, não pode.*
- *Pode, sim.*
- *À vontade.*
- *Pode, o que não me obriga a responder-lhe.*
- *Pode; responder-lhe-ei ou não.*
- *Sim; não sei se lhe responderei.*

Há formas indiretas de obter-se informação, em que insinuamos nosso desejo de saber:

- *Não que dia é hoje...*
- *Não sei se lhe fica bem visitá-lo amanhã.*
- *Não sei se gosta de vinho tinto.*
- *Deixe-me saber [enuncia-se o que se deseja saber].*

Nestas hipóteses, a confissão de ignorância atua como estímulo a que o interlocutor informe-nos o que desconhecemos; ele responder-nos-á:

- *Hoje é quinta-feira.*
- *Fica-me bem visitar-me amanhã.*
- *Gosto de vinho branco, não de tinto.*

Há perguntas de pura curiosidade, desnecessárias à cabal compreensão do assunto que se versa, que não chegam a ser inconvenientes, como nestes diálogos:

- *Acaba de chegar meu automóvel novo.*
- *De que cor é ele ?*
- *Compramos vários livros.*
- *Quantos ?*
- *Semana que vem sairei de férias.*
- *Pretende viajar ?*

Na vida de relação, em diálogos, rareiam as interrogações, e ainda mais quantas dizem com a vida pessoal do interlocutor, se com ele o indagador não dispuser de liberdade ou de razão objetiva que o leve a formulá-las, a exemplo de:

- *Está aposentado ?*
- *De quanto é seu salário ?*

VII - “Tudo bem ?”

O chavão “Tudo bem ?” é puramente convencional e geralmente de todo insincero, tanto quanto a resposta “Tudo”. Nem uma nem outra se justificam tal como se enraizaram nos costumes, isto é, como frases em que o indagador de facto não se interessa por saber se vai tudo bem com seu interlocutor e este responde afirmativamente por mero hábito, quando não para desembaraçar-se da interrogação e evitar pontos particulares. Ademais, saudamos com asserções (bons-dias, boas-tardes, boas-noites, olá, oi, salve) e é assaz estranho que inquirição antanho reservada a íntimos se generalizasse e substituísse verdadeiros cumprimentos. Preferível é indagarmos “Tudo bem ?” apenas sinceramente, se deveras interessados no bem-estar alheio e se com o indagado dispusermos de liberdade para semelhante indagação que, a rigor, invade-lhe a intimidade.

Abandonemos tal maneira cafona e pirosa de saudar; caso saúdem-nos com ela, respondamos com bons-dias, boas-tardes, boas-noites, olá, oi.

VIII - Estilo afetivo (tu).

O tuteio (uso da segunda pessoa do singular: tu) é própria de linguajar afetivo, de familiaridade em Portugal; corrente no Pará entre iguais, e no Rio Grande do Sul. Sejam exemplos de estilo afetivo:

Nenhum outro és tu.

Olha lá: ao chegares, avisa-me novamente de que chegaste bem; cuida-te.

Desculpa se ando assim contigo; ando meloso por ti.

Bobo tu se pensaste que te trato como te trato [...].

Ó meu gajo ! Anda cá ! [estilo de Eça de Queiroz].

IX - Várias.

Para seu lente, o aluno pode (até deve) indagar; em relações profissionais, que implicam plena elucidação das situações, os envolvidos podem, até devem, perguntar; de modo geral, contudo, na vida social, evitemos inquirir.

O lugar-comum de que “perguntar não ofende” é relativamente verdadeiro: certas indagações contêm pressupostos, concebem dadas hipóteses, virtualmente melindrosos, a exemplo de: “É para fulano que tu deves ?”, em que se supõe débito do indagado; e de: “Foi com ele que tu me traíste ?”, o que implica infidelidade.

Há indagações retóricas, usadas como artifícios de comunicação, sem propósito de que se lhes responda, como: “Dentre os autores do cânone literário da língua portuguesa, exelem Machado de Assis e Eça de Queiroz. Há mais belos estilos do que os seus ?”.

Outras interrogações, malgrado forma indagadora, têm conteúdo afirmador: “Dá para parar de ser chato ?”, equivalente a “Pare de ser chato”.

A inflexão da pergunta difere da da afirmação: afirmamos com tom vocal próprio, diverso da música da frase em que interrogamos, e constitui defeito de comunicação (pretensamente) indagar-se em tom afirmativo.

Tom vocal elevado é desagradável aos circunstantes, em qualquer ambiente; é civilizado falar baixamente, em apenas tom suficiente para que o interlocutor ouça o locutor.

Somos senhores do que calamos e escravos do que falamos.

As palavras podem sair leves de quem as profere e chegar pesadas a quem as escuta.

Em sua juventude, Oscar Wilde era conversador infindo e gracioso: passou-a a falar.

No Brasil, forma de findar conversa com o interlocutor ou monólogo do verborrágico é dizer-lhe: “Está bom, fulano”.

É ou era preceito de boas maneiras o autor da chamada telefônica tomar a iniciativa de findá-la; no caso de interlocutores tagarelas, é atitude defensiva seu recipiendário fazê-lo.

Fórmula empregada por visita que se retira: “Vocês são gente boa, mas tenho de ir” ou “A conversa está boa, mas tenho de ir”.

Olhar o mostrador do relógio é sinal de que a visita ou o monólogo deve encerrar-se.

Que fazer com visita que se demora demais ? Marcelo Rebelo de Sousa disse a seus filhos menores, na presença da visita: “Meninos, agora vão se deitar porque o senhor quer ir-se embora”.

No Brasil, atende-se ao telefone com: “Alô” (aparentemente do francês “allons”); em Portugal diz-se: “Estou”, “Estou sim”.